



MARCOS CAMARGO

E agora, Anna Muylaert? ▶ Os dois longas-metragens que você dirigiu, *Durval Discos* e *É proibido fumar*, trataram do cotidiano de poucos personagens. Você tem o interesse específico de criar narrativas, digamos, em tom menor, no sentido de se aterem às relações íntimas de poucos personagens? Ou seus próximos filmes podem ser completamente diferentes?

Comecei essa história de poucos personagens e locações pensando em viabilizar meu primeiro filme não apenas em termos de custo, mas também da minha capacidade de dirigir. Acho que acabei gostando da fórmula e repeti no segundo filme. Meu próximo filme deverá ser parecido, mas com um número maior de personagens e implicações. Em todo caso, acho que não nasci para filmar grandes sagas, não.

Seus personagens são um pouco desajustados, não adaptados às demandas das pessoas próximas. Esse tipo de característica continua sendo fundamental para você?

Acho que meus dois primeiros filmes são muito parecidos, são filmes irmãos. Eu espero que daqui pra frente haja crescimento em todos os sentidos, mas não nego que tenha uma queda especial por personagens esquecidos, cujas vidas estão em desajuste.

Outra coisa bastante presente nos seus filmes é o ambiente urbano da grande cidade (mesmo que os personagens saiam pouco de casa). Em que medida essa São Paulo continua presente nos seus próximos projetos?

São Paulo é quase sempre personagem porque a cidade força o habitante a um tipo de história e principalmente de ritmo. Então se estou fazendo essas histórias, quero imprimir também a cidade, o ritmo da cidade. Mas estou também escrevendo uma história que se passa numa cidade pequena, então o ritmo de tudo muda completamente. Em vez de trânsito, você pode fazer uma cena do personagem andando de bicicleta, e isso lá é real. Aqui não seria.

Você considera que os filmes de outras pessoas feitos nos últimos anos mudaram ou influenciaram o seu cinema?

Sim, acho que os filmes que mais me influenciam são mesmo os contemporâneos, por várias razões. Acho que minhas maiores influências, desde a época dos meus curtas até os longas, são cineastas independentes americanos como Wes Anderson e os irmãos Coen, e também Woody Allen. Talvez porque sejam cineastas que trabalham com a ironia, assim como eu. Mas Gus van Sant, por exemplo, é um mestre do estilo. É impossível não aprender com ele. Fora esses, o cineasta que mais estudo hoje em dia é o Stanley Kubrick. O bom do cinema é que, por mais que se aprenda, você está sempre começando.

Quais são as questões e interesses que você traz dos filmes que já fez e que hoje movem você a fazer os próximos?

Acho que o que me move é ver a realidade e ir por trás da realidade, contar histórias que revelem coisas que a mecânica da vida nos dificulta a visão. Nesse sentido, gosto de vários temas, para citar um: a questão da empregada doméstica no Brasil e especificamente o caso das babás. Acho que toda a educação do país está envolvida com essa questão, seja de um lado ou de outro. E é uma situação primitiva. E ninguém fala no assunto, por exemplo.



MARCOS CAMARGO

É proibido fumar



filmecultura 53 | janeiro 2011



Durval Discos

Faróis

Nem todos esses filmes me influenciaram. Mas todos são filmes que eu considero como referências de um padrão de cinema.

1. *Amarcord*, de Federico Fellini

Eu comecei a ver Fellini no Cine Bijou, adolescente, e este filme me impressionou pela grandeza das imagens e dos personagens.

2. *Salve-se quem puder (a vida)*, de Jean-Luc Godard

Foi quando me apaixonei pela beleza do cinema de Godard.

3. *E.T.*, de Steven Spielberg

Foi o primeiro filme que me despertou interesse em narrativa.

4. *Alice nas cidades*, de Wim Wenders

Um filme sobre a melancolia e a solidão da sociedade moderna que parecia estar sendo feito na quela hora certa, falando da coisa certa, da maneira certa.

5. *Estranhos no paraíso*, de Jim Jarmusch

Este filme foi um marco na história do cinema, subverteu tudo e abriu o cinema para o mundo pop.

6. *Pulp fiction*, de Quentin Tarantino

Outro filme que rompeu com padrões de narrativa, de direção, de tema, diálogos, ambiente etc. O cinema explodiu no pop.

7. *Amar à flor da pele*, de Wong Kar-wai

Obra-prima que se redescobre a cada plano.

8. *Whisky*, de Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll

Mínimo filme uruguaio, perfeito em sua simplicidade visual, técnica e humana.

9. *Elefante*, de Gus van Sant

Obra-prima do cinema entre o narrativo e o não narrativo; um cinema de raça e muito sensual.

10. *Amarelo manga*, de Claudio Assis

Gosto do cinema que vem de Pernambuco, verdadeiro e, acima de tudo, sempre belo.

Da esquerda para a direita: *Amarcord*, *Salve-se quem puder*,

Alice nas cidades e *Estranhos no paraíso*

